

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA

Feminicídio antes e durante a pandemia

Beatriz Luri Yasuda Ikeda

Trabalho de Conclusão de Curso

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA

Feminicídio antes e durante a pandemia

Beatriz Luri Yasuda Ikeda

Orientadora: Maria Sílvia de Assis de Moura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Bacharel em Estatística.

São Carlos
Agosto de 2023

FEDERAL UNIVERSITY OF SÃO CARLOS
EXACT AND TECHNOLOGY SCIENCES CENTER
DEPARTMENT OF STATISTICS

Femicide before and during the pandemic

Beatriz Luri Yasuda Ikeda

Advisor: Maria Sílvia de Assis de Moura

Bachelors dissertation submitted to the Department of Statistics, Federal University of São Carlos - DEs-UFSCar, in partial fulfillment of the requirements for the degree of Bachelor in Statistics.

São Carlos
August 2023

Beatriz Luri Yasuda Ikeda

Feminicídio antes e durante a pandemia

Este exemplar corresponde à redação final do trabalho de conclusão de curso devidamente corrigido e defendido por Beatriz Luri Yasuda Ikeda e aprovado pela banca examinadora.

Agosto 2023

Banca Examinadora:

- Maria Sílvia de Assis de Moura
- Rafael Bassi Stern
- Teresa Cristina Martins Dias

A todos que fizeram parte (in)diretamente dessa fase da minha vida.

Agradecimentos

Agradeço a todos que participaram desse trabalho: à Dra. Teresa Cristina Cabral Santana pela conversa maravilhosamente esclarecedora que tivemos; aos policiais que me receberam de braços abertos para me explicar o cotidiano deles e com a contribuição de pontos importantes para a condução desse estudo; ao professor e Dr. Rafael Stern Bassi que iniciou essa jornada comigo e por fim, mas não menos importante, à professora e Dra. Maria Sílvia de Assis de Moura que pacientemente me orientou e puxou a minha orelha quando necessário. Sem essas pessoas esse trabalho não seria realizado.

Agradeço também à minha família pelo apoio (quase) incondicional e os empurrões para chegar aqui. Aos meus avós (meus segundos pais), Satico e Takeshi, com quem compartilhei momentos inesquecíveis durante a minha infância e todas as férias escolares. Aos meus tios, Kenji e Ana, que sempre estavam presentes em todos os momentos importantes da minha vida. À minha irmã, Miki, pelas nossas intermináveis brigas e provocações, mas que eu sei que sempre estaremos presentes uma pela outra. Aos meus pais, sem eles eu não estaria aqui. Eu me sinto a pessoa mais sortuda no mundo por poder chamar essas pessoas de família, são pessoas inspiradoras e exemplares.

Também quero agradecer a todas as pessoas que conheci graças à graduação. Às meninas com quem morei e dividi momentos incríveis: Alícia, Gi e Pâmela. Quero agradecer o Renan pela nossa amizade cheia de (des)aventuras e conversas. Aos meus amigos de curso Thiago, Cláudio e Thaís. Ao Broder que como o nome diz, é o *brother* de todos.

Por último quero agradecer ao Juan, que é a mistura de todas essas categorias: é uma pessoa que conheci graças à graduação, é uma pessoa com quem quero ter uma família e também é a pessoa que me incentivou (leia-se atazanou) para que eu sempre estivesse fazendo alguma atividade relacionada a este trabalho.

“Dreams are true while they last, and do we not live in dreams?”

(Lord Tennyson)

Resumo

Muitos estudos são realizados para saber o efeito da pandemia do novo coronavírus em diversos aspectos da sociedade, como exemplo os efeitos colaterais da doença. Um aspecto social importante é a violência contra as mulheres que muitas vezes resultam em morte. Neste estudo o objetivo está em verificar se houve diferença de comportamento no feminicídio no Estado de São Paulo a partir dos registros de boletins de ocorrência, se houve diferença de perfil das vítimas e/ou de localidades onde os crimes são cometidos e outras características encontradas via análises multivariadas exploratórias dos dados.

Palavras-chave: *Análise de Correspondência, feminicídio, pandemia.*

Abstract

A lot of studies are done to know the effects of coronavirus pandemic in several society aspects, like colateral effects of the disease. One import social aspect is the violence against women wich many times leads to death. The objective in this study is to verify if there was a difference in feminicide behaviour in state of São Paulo studying incident report, if there was a difference in the victims profile and/or whereabouts the crime is perpetrated and other characteristics found via multivariate exploratory analysis.

Keywords: *correspondence analysis, feminicide, pandemic.* .

Lista de Figuras

4.1	Contribuições dos níveis dos dados para a primeira dimensão do estudo pré-pandemia.	39
4.2	Contribuições dos níveis dos dados para a segunda dimensão do estudo pré-pandemia.	39
4.3	Contribuições dos níveis dos dados para a terceira dimensão do estudo pré-pandemia.	40
4.4	Plano fatorial das primeira e segunda dimensões.	41
4.5	Plano fatorial das primeira e terceira dimensões.	41
4.6	Plano fatorial das segunda e terceira dimensões.	42
4.7	Contribuições dos níveis dos dados para a primeira dimensão do estudo da pandemia.	43
4.8	Contribuições dos níveis dos dados para a segunda dimensão do estudo da pandemia.	43
4.9	Contribuições dos níveis dos dados para a terceira dimensão do estudo da pandemia.	44
4.10	Plano fatorial das primeira e segunda dimensões.	44
4.11	Plano fatorial das primeira e terceira dimensões.	45
4.12	Plano fatorial das segunda e terceira dimensões.	45

Lista de Tabelas

3.1	Departamentos de Circunscrição com sua respectiva região.	31
3.2	Número aproximado de pessoas para cada feminicídio no Departamento de Circunscrição.	32
3.3	Porcentagem de feminicídios nas categorias de tipo de local.	33
3.4	Porcentagem de feminicídios nos períodos do dia.	33
3.5	Porcentagem de cor de pele de mulheres da população e de vítimas.	34
3.6	Porcentagem de faixa etária de mulheres da população e de vítimas.	35
4.1	Variância das dimensões da ACM.	38
4.2	Variância das dimensões da ACM.	42

Sumário

1	Introdução	23
2	Material e Métodos	27
2.1	Material	27
2.2	Métodos	28
3	Análises Preliminares	31
4	Análise dos dados	37
4.1	Análises pré pandemia	38
4.2	Análises da pandemia	42
5	Discussão	47
6	Conclusão	51
	Referências Bibliográficas	53

Capítulo 1

Introdução

No dia 11 de março de 2020 foi declarada a pandemia do novo coronavírus pela Organização Mundial de Saúde (OMS) ([UNA-SUS, 2020](#)). A doença viral, também conhecida por COVID-19, é causada pelo vírus Sars-Cov-2 que é transmitido pelo ar e atinge principalmente o sistema respiratório, fazendo muitas vezes o adoentado necessitar de um atendimento hospitalar. Para desacelerar a contaminação da população e não sobrecarregar o sistema de saúde, os países tomaram diversas medidas preventivas e uma destas foi o isolamento social, cujo propósito foi a diminuição de circulação de pessoas. Assim, somente os serviços essenciais funcionaram presencialmente, todo o resto fechou ou funcionou de forma digital.

Nos anos da pandemia foi muito noticiado sobre as consequências da COVID-19 e uma destas foi o aumento de denúncias de violência contra a mulher. No dia 19 de abril de 2020 foi noticiado no portal de notícias G1 que a violência física e sexual contra as mulheres aumentou durante o isolamento social, uma vez que as vítimas foram obrigadas a se manterem confinadas com seus agressores 24 horas por dia onde os lares violentos, só se tornaram mais violentos. Também foi relatado que o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) pediu para que países considerassem os serviços de combate à violência doméstica um serviço essencial, devido ao aumento de denúncias ([Modelli, 19 abr. 2020](#)). Mais tarde no mesmo ano, no dia 23 de novembro, foi noticiado que o aumento da violência contra a mulher continuava sendo um problema mundial e que “[...] somente um país a cada oito adotaram medidas que atenuassem os efeitos da pandemia em mulheres e crianças” ([Presse, 23 nov. 2020](#)). Na mesma reportagem foi relatado que no Brasil houve uma alta na taxa de feminicídio no primeiro semestre de 2020, um aumento de 1,9% comparado com o mesmo período de 2019. No dia 22 de janeiro de 2021, a

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) publicou um artigo que menciona os dados apresentados nas notícias anteriores e complementa que do início da pandemia até junho de 2020, houve um aumento de 34% nas denúncias, mas isso não chega nem perto do aumento que houve em outros países. Isso pode ter acontecido, pois menos de 40% das mulheres denunciaram ou buscaram ajuda e menos de 10% dessas mulheres chegaram ir à polícia. Além disso, somente 20 estados coletaram esses dados e com o agravante de coletarem-os de forma incompleta, uma vez que faltam informações sobre raça, orientação sexual e escolaridade impossibilitando a identificação do perfil das mulheres agredidas, segundo [Lorenzetti et al. \(2021\)](#). Também deve ser considerado a criação da Delegacia da Defesa da Mulher *online* (DDM *online*), uma iniciativa da Polícia Civil do estado de São Paulo ([spD, 2021](#)) que permitiu que as mulheres denunciassem seus agressores por meio da Delegacia Online desde abril de 2020 ([spD, 2022](#)). Até então, as mulheres só podiam denunciar as violências sofridas comparecendo presencialmente à uma delegacia cuja ação estava dificultada pelo isolamento social.

A criminalização do feminicídio começou a ser discutido na América Latina na década de 1990 ([Oliveira et al., 2016](#)), junto com o “[...] reconhecimento da violência contra as mulheres como um delito específico[...]” ([de Campos, 2015](#)), devido às várias denúncias de mulheres e familiares do grande número de mortes femininas causadas pela violência de gênero no México. No Brasil, a tipificação do feminicídio começou a ser discutido em março de 2012 na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) através de um projeto de lei. Segundo [de Campos \(2015\)](#), a proposta inicial do homicídio poderia ser classificado como um feminicídio quando há uma “[...]extrema de violência de gênero que resulta na morte da mulher quando há uma ou mais das seguintes circunstâncias: I – relação íntima de afeto ou parentesco, por afinidade ou consanguinidade, entre a vítima e o agressor, no presente ou no passado; II – prática de qualquer tipo de violência sexual contra a vítima, antes ou após a morte; III – mutilação ou desfiguração, antes ou após a morte”. Após a discussão no Senado Federal, foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) que “[...] redefiniu o feminicídio como contra a mulher por razões de gênero, nas seguintes circunstâncias: I) violência doméstica e familiar, nos termos da legislação específica; II) violência sexual; III) mutilação ou desfiguração da vítima; IV) emprego de tortura ou qualquer outro meio cruel ou degradante”. Porém a Procuradoria da Mulher do Senado Federal sugeriu uma mudança de que o feminicídio ocorre “[...] apenas em duas circunstâncias: I) violência doméstica e familiar; II) menosprezo ou discriminação

à condição de mulher [...]”, além disso também um aumento da pena de $\frac{1}{3}$ a $\frac{1}{2}$ quando o “[...] crime for praticado durante a gestação ou nos três meses posteriores ao parto; contra pessoa menor de 14 e mais de 60 anos e na presença de descendente ou ascendente da vítima [...]”. A última modificação na lei do feminicídio foi proposta pela bancada evangélica, que substituiu a expressão “razões de gênero” por “razões da condição do sexo feminino”, o que leva à exclusão das mulheres transexuais na lei do feminicídio, uma vez que sexo é determinado biologicamente e o gênero é como a pessoa se identifica (Francez e Barbosa, 2021). Portanto, de acordo com a lei 13.104/15 (Bittar, 2020), o feminicídio ocorre quando a mulher do sexo feminino é assassinada em um contexto de: “[...] I) violência doméstica e familiar II) menosprezo ou discriminação à condição de mulher [...]”

Segundo Oliveira *et al.* (2016), “[...] a violência contra as mulheres sempre existiu, principalmente no espaço privado [...]”, o que pode ser comprovado pelos números. No Mapa da Violência de 2015 foi verificado que 50,3% dos feminicídios foram cometidos por familiares de mulheres que já viviam em situação de violência e que 33,2% delas foram mortas pelos seus atuais ou antigos parceiros. Além disso, 27,1% das mortes de mulheres ocorreram no ambiente doméstico, isto é, “[...] a vítima geralmente conhece o agressor, o que comprova que o homicídio feminino é fruto da violência privada” (Oliveira *et al.*, 2016).

Portanto, o objetivo neste estudo é verificar se houve uma mudança de perfil desse tipo de ocorrência no estado de São Paulo durante a pandemia, uma vez que houve um aumento nas denúncias de violência doméstica que pode acarretar em homicídio.

Ao longo deste trabalho é discutido o material e métodos utilizados (Capítulo 2), análise dos resultados preliminares (Capítulo 3), análise dos dados antes e durante a pandemia (Capítulo 4), discussão sobre o tema (Capítulo 5) e por fim a conclusão (Capítulo 6).

Capítulo 2

Material e Métodos

2.1 Material

A base de dados usada nesse estudo foi retirado do *site* da Secretaria de Segurança Pública do estado de São Paulo, que disponibiliza o *download* de um arquivo *Excel* com dados de registros de boletins de ocorrência de feminicídio a partir de abril de 2015 até o mês anterior ao que foi baixado. Os registros de cada ano ficam armazenados em uma aba diferente e para este estudo, foram utilizados os dados de abril de 2015 a abril de 2022, um período de sete anos. Também é importante ressaltar que os dados necessitam de uma estruturação, uma vez que os números de registros de boletins não são únicos para cada vítima, há erros de digitação e vários dados faltantes.

Há uma discussão importante que precisa ser feita sobre a qualidade dos dados obtidos no estudo. Os boletins de ocorrência estudados neste trabalho foram registrados por policiais que atenderam ao chamado para ir ao local do crime onde a partir do contexto o policial define qual a suspeita de crime, suas tipificações dando início às investigações. Então, é possível ter um caso de feminicídio não presente na base, como também é possível um registro presente na base não ser um feminicídio. Isso acontece, pois só se pode afirmar que o crime ocorreu após finalização do trâmite legal: da investigação até a condenação do suspeito. Esta discussão leva a uma outra igualmente importante, a cifra oculta que, segundo [Caetano et al. \(2020\)](#), é a quantidade de crimes não reportados ao Poder Público, isto é, no contexto deste estudo, é possível que uma mulher tenha sido assassinada devido ao seu sexo, mas em nenhum momento da investigação até o julgamento esse fato tenha se apresentado. No entanto, para se conhecer a situação atual, esse tipo de dado é que está disponível com o acesso público.

Nos boletins de ocorrência há informações imutáveis como localização, data da ocorrência, tipo de local, data de nascimento da vítima. Também, há informações que deveriam ser respondidas pela própria vítima, como a cor com que ela se identifica e o estado civil, mas como isso não é possível, uma pessoa de sua confiança deveria responder essas informações, o que não é algo que acontece na realidade. Portanto, os dados também podem apresentar erros nessas variáveis que são subjetivas.

A estruturação e análise dos dados foram realizadas no *software R* ([R Core Team, 2019](#)).

2.2 Métodos

Existem inúmeras técnicas estatísticas para analisar os dados, porém nem todas são adequadas para os dados disponíveis e objetivos almejados. Nesse estudo são abordados duas importantes metodologias: teste de hipóteses e análise de correspondência múltipla.

Teste de hipóteses

O teste de hipóteses utilizado é o de proporções, cujo objetivo é saber se a proporção de vítimas com uma determinada característica é menor ou igual à proporção de mulheres com essa mesma característica na população de São Paulo. Isto é, se a proporção de mulheres vítimas com determinada característica é igual ou menor à proporção de mulheres com a mesma característica no Estado de São Paulo. Portanto, quando a hipótese nula é rejeitada, há evidências que as mulheres com essa determinada característica morrem mais.

As suposições neste teste são a normalidade e independência das observações e a estatística teste Z do teste assume uma distribuição normal padrão (média zero e variância um), como mostrado na [Equação 2.1](#).

$$Z = \frac{\hat{p} - p_0}{\sqrt{\frac{p_0(1-p_0)}{n}}} \sim Normal(0, 1). \quad (2.1)$$

Também, tem-se que o \hat{p} é a proporção de vítimas que possuem determinada característica e p_0 é a proporção de mulheres da população do Estado de São Paulo que possui a mesma característica. Dessa forma, a hipótese nula (H_0) é definida como na [Equação 2.2](#) ([Dávila, 2017](#)).

$$H_0 : p \leq p_0. \quad (2.2)$$

O valor-p do teste é usado para aceitar ou rejeitar H_0 , ele representa a probabilidade da hipótese nula ser verdadeira ou falsa dado um nível de significância pré-estabelecido. Isto é, se o valor-p de um teste for menor que nível de significância a hipótese nula é rejeitada, caso contrário, ela é aceita.

Análise de correspondência múltipla

A análise de correspondência múltipla (ACM) é uma técnica de análise descritiva multivariada de dados categóricos, isto é, é possível analisar mais que duas variáveis simultaneamente. Ela é realizada com as frequências de cada categoria das variáveis. É importante ressaltar que as observações só podem estar presentes em uma das categorias de todas as variáveis. Segundo [Nestlehner et al. \(2023\)](#), o processo dela é:

1. A partir dos dados, é construído uma matriz \mathbb{Z} , cuja colunas são as categorias das variáveis e as linhas são as observações. Se a observação i possui a característica da categoria j , recebe 1 e 0 caso contrário. Dessa forma é construída uma matriz de 0's e 1's.
2. Dado a matriz \mathbb{Z} , é construída a matriz \mathbb{G} com os elementos da primeira matriz, mas padronizadas, seguindo a [Equação 2.3](#), em que r_i é a frequência relativa das linhas e c_j é a frequência relativa das colunas.

$$g_{ij} = \frac{f_{ij}}{\sqrt{r_i}\sqrt{c_j}} \quad (2.3)$$

3. A matriz \mathbb{G} é fatorada por um algoritmo de decomposição por valores singulares para criar matrizes singulares para cada variável, as categorias das variáveis e uma matriz quadrada responsável pela explicabilidade das dimensões na ACM.

Com essa técnica é possível abstrair as diversas dimensões que os dados possuem em um menor número, com isso, parte da variabilidade (explicabilidade) é perdida, por isso é importante entender o que cada dimensão estudada representa e o quanto que ela representa. A primeira dimensão é a que representa a maior parte da variabilidade, logo

ela é a mais importante. A segunda dimensão é a que possui a segunda maior variabilidade e assim se segue até a última.

Além disso, é possível observar as categorias das variáveis de uma forma mais otimizada possibilitando a interpretação das relações entre as categorias, quanto mais próximos elas estiverem na representação gráfica, mais observações possuem essas categorias simultaneamente.

Capítulo 3

Análises Preliminares

Neste primeiro momento, os dados foram analisados de forma univariada e como um todo, ou seja, cada variável foi analisada individualmente e as observações foram todas analisadas juntas (sem segmentação do antes e durante a pandemia).

No Estado de São Paulo existem no total 645 municípios e está dividido em 12 departamentos de circunscrição. Na [Tabela 3.1](#) estão apresentados todos os departamentos com a sua respectiva região.

Tabela 3.1: Departamentos de Circunscrição com sua respectiva região.

Departamento de Circunscrição	Departamento de Polícia Judiciária
DECAP	Capital (São Paulo)
DEMACRO	Região Metropolitana de São Paulo
DEINTER 1	Região de São José dos Campos
DEINTER 2	Região de Campinas
DEINTER 3	Região de Ribeirão Preto
DEINTER 4	Região de Bauru
DEINTER 5	Região de São José do Rio Preto
DEINTER 6	Região de Santos
DEINTER 7	Região de Sorocaba
DEINTER 8	Região de Presidente Prudente
DEINTER 9	Região de Piracicaba
DEINTER 10	Região de Araçatuba

É intuitivo imaginar que as regiões com maior população sejam as que possuem mais feminicídios em valores absolutos. Mas, proporcionalmente, essas regiões são as que tem maior incidência do crime? Para responder essa pergunta foi agregado aos dados a população estimada em 2021 de cada município retirados do *site* do IBGE. A partir disso a população estimada de cada departamento de Circunscrição foi calculada e é possível

obter o número de pessoas, por mil, para cada feminicídio que acontece nesta região, cujo resultado é apresentado na [Tabela 3.2](#).

Tabela 3.2: Número aproximado de pessoas para cada feminicídio no Departamento de Circunscrição.

Departamento de Circunscrição	Número aproximado de pessoas para cada feminicídio (por mil)
DECAP	61,67
DEMACRO	50,04
DEINTER 1	51,36
DEINTER 2	35,32
DEINTER 3	29,72
DEINTER 4	21,97
DEINTER 5	29,18
DEINTER 6	62,20
DEINTER 7	39,07
DEINTER 8	23,82
DEINTER 9	40,35
DEINTER 10	34,63

As regiões que aconteceram mais feminicídio, proporcionalmente, são aquelas que possuem menos pessoas por feminicídio. Isto é, o Departamento de Circunscrição DEINTER 4 (região da cidade de Bauru) é a região que ocorre mais feminicídio proporcionalmente com aproximadamente 21.974,41 pessoas por crime. Portanto, não é possível afirmar que quanto maior a população, maior a incidência de feminicídio, uma vez que o Departamento de Circunscrição maior populosa é o DECAP, com mais de 12 milhões de pessoas. Também é possível fazer essa comparação com o departamento que possui proporcionalmente menos feminicídios, o DEINTER 6 (região da cidade de Santos) com aproximadamente 62.208,48 pessoas por crime e uma população estimada um pouco maior que dois milhões, sendo que departamento com a menor população estimada é o DEINTER 10 (região da cidade de Araçatuba) com quase 520 mil pessoas.

Nos dados estudados, também há informações sobre tipo de local que aconteceu o crime. Inicialmente são 20 tipos diferentes que foram agrupadas em sete categorias diferentes: área não ocupada, comercial, ensino, lugar público, prisão, residencial e unidade rural. As categorias compreendem os seguintes tipos de local do crime:

- **área não ocupada:** área não ocupada;
- **comercial:** comércios e serviços, condomínio comercial, escritório, estabelecimento industrial, hospedagem, repartição pública, restaurantes e afins;

- **ensino:** estabelecimento de ensino;
- **lugar público:** lazer e recreação, rodovia/estrada, saúde, serviços e bens públicos, templos e afins e via pública;
- **prisão:** estabelecimento prisional;
- **residencial:** condomínio residencial, favela e residência;
- **unidade rural:** unidade rural.

As proporções de ocorrência de feminicídio dessas categorias estão apresentadas na [Tabela 3.3](#). Nos resultados é possível verificar o que foi discutido no [Capítulo 1](#), em que a maioria das vítimas conhecem o seu agressor, uma vez que quase 68% dos crimes ocorreram em um lugar residencial.

Tabela 3.3: Porcentagem de feminicídios nas categorias de tipo de local.

Categoria Tipo Local	Porcentagem
Área não ocupada	1,52%
Comercial	4,44%
Ensino	0,11%
Lugar público	23,62%
Prisão	0,33%
Residencial	67,93%
Unidade Rural	2,06%

Além disso, também é possível saber em que período do dia ocorreu o crime. As proporções estão apresentadas na [Tabela 3.4](#), e é possível afirmar que eles estão bem distribuídos ao longo do dia.

Tabela 3.4: Porcentagem de feminicídios nos períodos do dia.

Período do dia	Porcentagem
Madrugada	25,57%
Manhã	23,19%
Tarde	23,19%
Noite	24,05%
Hora incerta	4,01%

Afora informações sobre o crime, há também as características das vítimas como cor de pele, idade. Para fins de comparação proporções de cor de pele e faixas etárias de mulheres no estado de São Paulo foram retirados do site do SIDRA (Sistema IBGE de

Recuperação Automática) com os resultados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio). Também são realizados teste de hipóteses para proporções para verificar se tal categoria é proporcionalmente mais vítima que a população. Nas [Tabela 3.5](#) e [Tabela 3.6](#) são apresentadas as proporções de mulheres na população e de vítimas na cor de pele e de faixas etárias, respectivamente. Também, são apresentados o valor-p para o teste de proporção cujas hipótese nula é

$$H_0 : \text{proporção de vítimas com certa característica} \leq \\ \text{proporção de mulheres de mesma característica.}$$

Tabela 3.5: Porcentagem de cor de pele de mulheres da população e de vítimas.

Cor de Pele	Porcentagem Real	Porcentagem Vítimas	Valor-p
Branca	62,87%	54,93%	1
Preta	6,66%	6,61%	0,0660
Parda	29,04%	32,50%	0,01122
Amarela	1,19%	0,43%	0,9753
Outros	-	0,11%	-
Não Informada	-	5,42%	-

A um nível de significância de 0,05, é possível afirmar que não há evidências que as mulheres brancas, amarelas e pretas sejam mais vítimas proporcionalmente a população no estado de São Paulo. Na contra-mão, há evidências que as mulheres pardas são maiores vítimas proporcionalmente à população do estado.

Também a um nível de significância de 0,05, é possível afirmar que as mulheres entre 20 a 44 anos são proporcionalmente maiores vítimas que a população de mulheres no estado de São Paulo.

Além dessas análises, mais uma foi inspirada por uma publicação da revista Piauí no dia 21 de julho de 2023 intitulada “Domingo, o dia do feminicídio no Brasil”. A matéria conta a história de duas mulheres vítimas de feminicídio que não possuem nenhuma conexão entre elas, mas com um fator em comum: foram mortas pelos companheiros em um domingo. Em uma pesquisa feita exclusivamente para a revista, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) atestou que 20% dos feminicídios ocorreram aos domingos e o final de semana totaliza 37%. Segundo a diretora executiva do FBSP, Samira Bueno, a violência de gênero aumenta aos finais de semana, pois os casais ficam juntos no espaço

Tabela 3.6: Porcentagem de faixa etária de mulheres da população e de vítimas.

Faixa Etária	Porcentagem Real	Porcentagem Vítimas	Valor-p
0 a 4 anos	5,40%	0,33%	1
5 a 9 anos	6,05%	0,43%	1
10 a 14 anos	6,55%	0,98%	1
15 a 19 anos	7,59%	5,85%	0,9733
20 a 24 anos	6,98%	11,16%	$4,245 \times 10^{-7}$
25 a 29 anos	7,16%	14,41%	$2,2 \times 10^{-16}$
30 a 34 anos	8,10%	15,93%	$2,2 \times 10^{-16}$
35 a 39 anos	7,80%	13,65%	$2,53 \times 10^{-11}$
40 a 44 anos	7,56%	11,05%	$3,864 \times 10^{-5}$
45 a 49 anos	6,97%	5,74%	0,9189
50 a 54 anos	6,92%	5,53%	0,9463
55 a 59 anos	6,06%	3,03%	0,9999
60 a 64 anos	5,20%	1,73%	1
65 a 69 anos	4,13%	1,41%	1
70 anos ou mais	7,54%	2,49%	1
Não Informada	-	6,28%	-

doméstico ([Escócia, 21 jul. 2023](#)). Esse mesmo comportamento é observado nos dados analisados neste trabalho. Explorando todos os boletins de ocorrência de feminicídios, 20,04% dos crimes ocorreram aos domingos. Quando somado os registros do crime no sábado, tem-se 37,14%. Se separar os dados antes e depois da pandemia, as porcentagens ficam 19,52% e 20,93% respectivamente aos domingos e somando os sábados, tem-se 38,35% e 34,88%, respectivamente. Esses dados também condizem com a realidade vivida por policiais que atendem às denúncias *onlines* no Palácio da Polícia Civil de São Paulo, uma vez que contaram que o dia da semana com o maior fluxo de registros boletins de ocorrência são às segundas-feiras e o período do dia é à noite, pois são os momentos em que as vítimas conseguem se afastar de seus agressores, já o final de semana é o momento que a vítima é obrigada a passar mais tempo com seu agressor e há também casos em que a vítima não se relaciona mais com o seu agressor, mas é obrigada a encontrá-lo por compartilhar a guarda de seus filhos.

É importante ressaltar que há dados sobre as profissões das vítimas. São no total 102 profissões diferentes descritas na base de dados, como são muitos, foi utilizado a classificação de ocupação do IBGE (2002) para agrupar profissões de mesma categoria. Dessa forma, foi possível reduzir para 67 agrupamentos diferentes, porém é inviável trabalhar com essa quantidade de categorias, logo esses dados não são usados para as análises.

Capítulo 4

Análise dos dados

Afim de entender se a pandemia mudou as características associadas ao feminicídios, os dados de boletins de ocorrência foram divididos em dois *datasets* diferentes, um deles com registros anteriores à 11 de março de 2020 e o outro com registros a partir desta data.

O método multivariado apresentado no [Capítulo 2](#) (ACM) possui algumas limitações para níveis de variáveis com poucas observações, então as variáveis foram recategorizadas conforme algumas informações coletadas ao longo desse estudo. Conforme foi exposto ao longo desse texto, o feminicídio é geralmente cometido por familiares e (ex) companheiros, então é razoável assumir que os horários em que as vítimas passam mais tempo com seus agressores sejam horários de maior vulnerabilidade, isto é, antes da pandemia os horários em que as pessoas não trabalhavam. Seguindo a mesma lógica, o local que parece ser mais propenso a ocorrer esse tipo de violência são as residências.

Essas suposições foram comprovadas no estudo feito pelo FBSP para a revista Piauí. Em 2022, 29,8% dos feminicídios aconteceram no período da noite (das 18:00 às 23:59) e 21,1% de madrugada (da meia noite às 05:59) e, somando os dois tem-se a metade dos feminicídios deste ano no Brasil todo. Além disso, 69,3% dos feminicídios aconteceram nas residências das vítimas, muito próximo à proporção do Estado de São Paulo ([Escócia, 21 jul. 2023](#)).

Portanto, as recategorizações das variáveis levaram esses fatos em consideração. As variáveis e os critérios de recategorização estão descritas a seguir:

- **Departamento de circunscrição:** os departamentos da capital (DECAP) e região metropolitana de São Paulo foram recategorizadas como “grande_sp”. Os demais departamentos são considerados como “interior”.

- **Cor de pele:** as vítimas brancas são definidas como “brancos” enquanto as demais são consideradas “não_branco”.
- **Período do dia:** para os crimes que aconteceram no período de noite e de madrugada foram recategorizados como “noite_madrugada”. Já os crimes que ocorreram nas manhãs, tardes e horas incertas foram recategorizadas como “manha_tarde_incerto” o motivo do último ser incorporado às manhãs e tardes é para saber se os horários que vítimas passam mais tempo com os seus agressores são mesmo os mais suscetíveis a ocorrerem feminicídios.
- **Faixa etária:** as mulheres entre 0 a 19 anos foram recategorizadas como “jovens”, entre 20 e 64 como “adultas” e as outras como “senior”.
- **Categoria local:** os crimes que aconteceram em lugares residenciais foram recategorizadas como “residencial” e os outros locais como “não_residencial”.

Além da análises das variáveis do conjunto de dados originais, é incorporado o dia da semana que ocorreu o crime. Sábados e domingos são uma categoria “final_de_semana” e os outros dias de semana é “dias_de_semana”.

4.1 Análises pré pandemia

São estudadas três dimensões tanto para os registros antes da pandemia quanto para os registros durante a pandemia. Inicialmente são estudadas as características dos feminicídios antes da pandemia e para uma melhor compreensão dos resultados, é necessário ver quais níveis das variáveis estão representadas pelas dimensões. A variância explicada pelas três primeiras dimensões estão descritas na [Tabela 4.1](#).

Tabela 4.1: Variância das dimensões da ACM.

Dimensão	Autovalor	Porcentagem da variância	Porcentagem acumulada da variância
Dimensão 1	0,1971	16,89%	16,89%
Dimensão 2	0,1779	15,25%	32,14%
Dimensão 3	0,1736	14,89%	47,03%
Dimensão 4	0,1722	14,76%	61,79%
Dimensão 5	0,1585	13,59%	75,38%
Dimensão 6	0,1512	12,97%	88,35%
Dimensão 7	0,1359	11,65%	100,00%

A partir da [Tabela 4.1](#) é possível ver que analisando somente as três primeiras dimensões não é alcançado nem 50% da explicabilidade total dos dados, mas é de praxe analisar somente as três primeiras.

A primeira dimensão é representada pela cor das vítimas (“não-branco”, “branco”) e as cidades (“grande_sp” e “interior”) e também por “final_de_semana” e “noite_madrugada”. Isso é visível na [Figura 4.1](#), uma vez que esses níveis são os que possuem contribuição acima da média, representada pela linha tracejada vermelha.

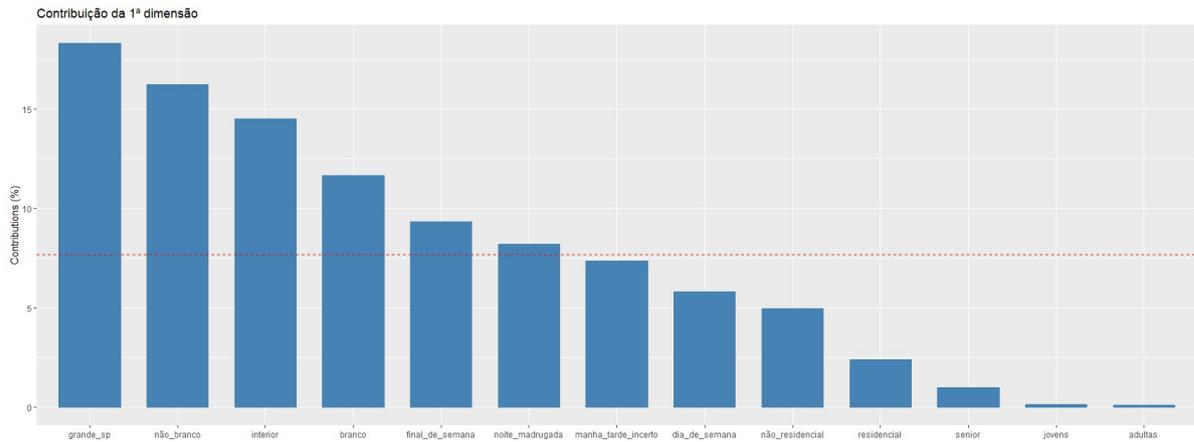


Figura 4.1: Contribuições dos níveis dos dados para a primeira dimensão do estudo pré-pandemia.

De acordo com a [Figura 4.2](#), a segunda dimensão é representada pelos horários que ocorreram o crime (“noite_madrugada” e “manha_tarde_incerto”) e pelas categorias “jovens” e “não_branco”.

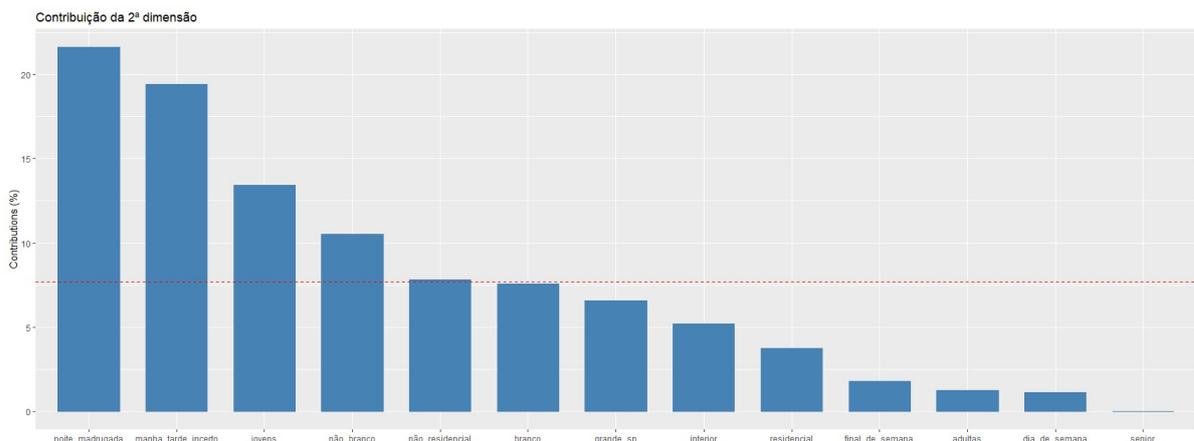


Figura 4.2: Contribuições dos níveis dos dados para a segunda dimensão do estudo pré-pandemia.

Por outro lado, a terceira dimensão é representada pela idade das vítimas (“jovens”, “adultas” e “senior”) e o dia da semana que ocorreu o crime (“final_de_semana” e “dia_de_semana”),

como pode ser visto na [Figura 4.3](#).

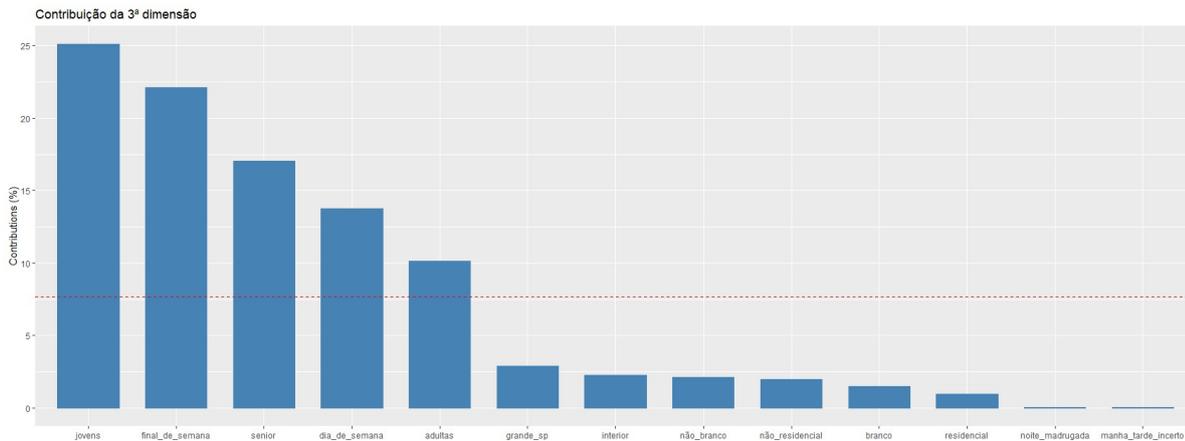


Figura 4.3: Contribuições dos níveis dos dados para a terceira dimensão do estudo pré-pandemia.

Uma vez que já foi compreendido quais níveis contribuem acima da média para as dimensões, é possível analisar os planos fatoriais e entender quais são as características dos feminicídios antes da pandemia.

Visualizando os planos fatoriais previamente, é observado que as categorias “branco” e “interior” estão sempre muito próximas, assim como as categorias “não_branco” e “grande_sp”. Dessa forma, eles serão considerados como centros e formas serão colocadas nos planos fatoriais para agrupar as categorias mais próximas a eles.

Analisando a [Figura 4.4](#), é observável dois grandes grupos, um que está contido do quadrilátero com os cantos retos (à esquerda) e o outro que está contido no quadrilátero com os cantos arredondados (à direita). No quadrilátero de cantos retos é possível observar que possui o centro “branco” e “interior” e mais dois subconjuntos de categorias que estão mais próximos: “senior” com “dia_de_semana” e “não_residencial” com “manha_tarde_incerto”. As categorias do centro são as terceira e quarta maiores categorias representadas pela primeira dimensão ([Figura 4.1](#)). Esse quadrilátero mostra que os feminicídios que ocorreram no interior foram de vítimas brancas e mais velhas e foram cometidos em dia de semana, em lugares não residenciais e em horários que as vítimas tendem a não estar com seus companheiros.

Já o quadrilátero de cantos arredondados da [Figura 4.4](#) apresenta o outro centro “não_branco” e “grande_sp”, as duas categorias melhores representadas pela primeira dimensão ([Figura 4.1](#)) e outras duas categorias mais afastadas: “noite_madrugada” e “final_de_semana”. Esse quadrilátero mostra que os feminicídios que ocorreram na grande

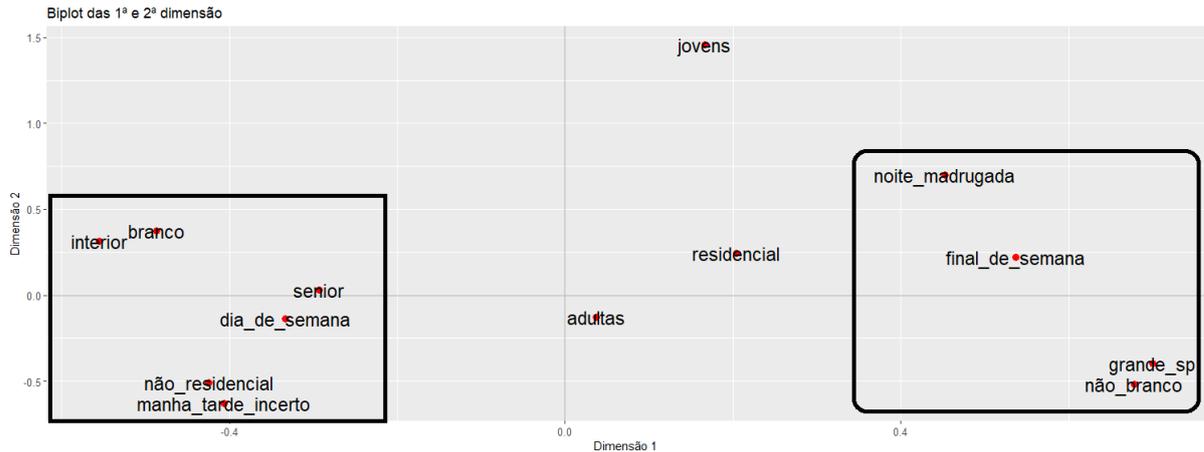


Figura 4.4: Plano fatorial das primeira e segunda dimensões.

São Paulo são de vítimas não brancas e foram cometidos de finais de semana em horários que as mulheres tendem a estar com os seus companheiros. Se estender o quadrilátero, é possível incorporar a categoria “residencial”, isto é, além das características apontadas, elas ocorrem nas residências, logo ela representa as características mais comuns de feminicídios em pesquisas feitas sobre este tema.

A categoria “adultas” está aproximadamente no meio entre os dois grupos, ou seja, ela pode ser uma característica presente nos dois.

Esse mesmo padrão descrito para as categorias nas primeira e segunda dimensão (Figura 4.4), pode ser observado quando analisado a primeira e terceira dimensão na Figura 4.5. Porém, para as terceira e segunda dimensão, alguns apontamentos não são válidos.

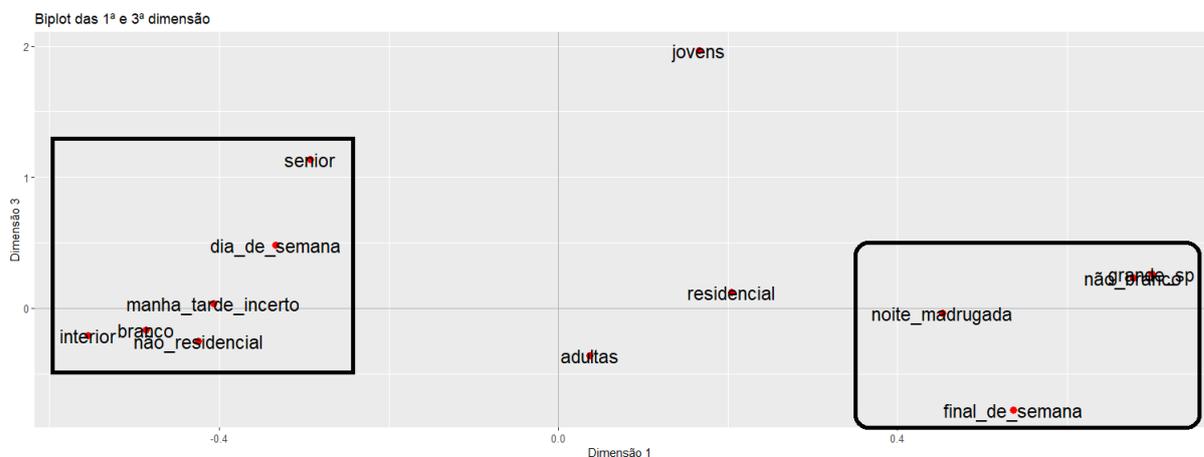


Figura 4.5: Plano fatorial das primeira e terceira dimensões.

Observando a Figura 4.6, algumas categorias que antes estavam associadas ao centro “branco” e “interior”, como “dia_de_semana”, “manha_tarde_incerto” e “não_residencial”,

agora estão associadas ao outro centro “não_branco” e “grande_sp” e o mesmo acontece com o centro “não_branco” e “grande_sp” que antes estava associado às categorias “noite_madrugada” e “final_de_semana” e agora esta associada à “manha_tarde_incerto” e “dia_de_semana”. É importante ressaltar que essa análise não é tão significativa quanto as anteriores, uma vez que não está representada a primeira dimensão, a responsável pela maior explicabilidade.

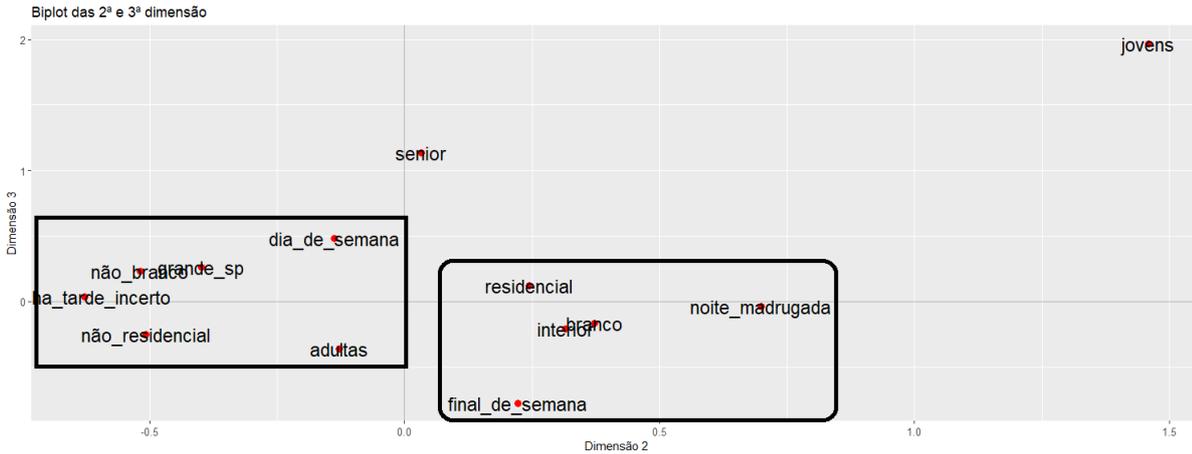


Figura 4.6: Plano fatorial das segunda e terceira dimensões.

4.2 Análises da pandemia

Como na [Seção 4.1](#), será analisado as variáveis que mais contribuem para as três primeiras dimensões estudadas e a explicabilidade das variâncias está na [Tabela 4.2](#).

Tabela 4.2: Variância das dimensões da ACM.

Dimensão	Autovalor	Porcentagem da variância	Porcentagem acumulada da variância
Dimensão 1	0,2163	18,54%	18,54%
Dimensão 2	0,1914	16,40%	34,94%
Dimensão 3	0,1753	15,05%	49,97%
Dimensão 4	0,1587	13,63%	63,60%
Dimensão 5	0,1479	12,68%	76,28%
Dimensão 6	0,1445	12,35%	88,61%
Dimensão 7	0,1324	11,35%	100,00%

As categorias que contribuem acima da média para a primeira dimensão tanto dos dados pré pandemia ([Figura 4.1](#)), quanto dos dados da pandemia ([Figura 4.7](#)) são as categorias dos centros: “não_branco”, “grande_sp”, “branco” e “interior”. Porém as ou-

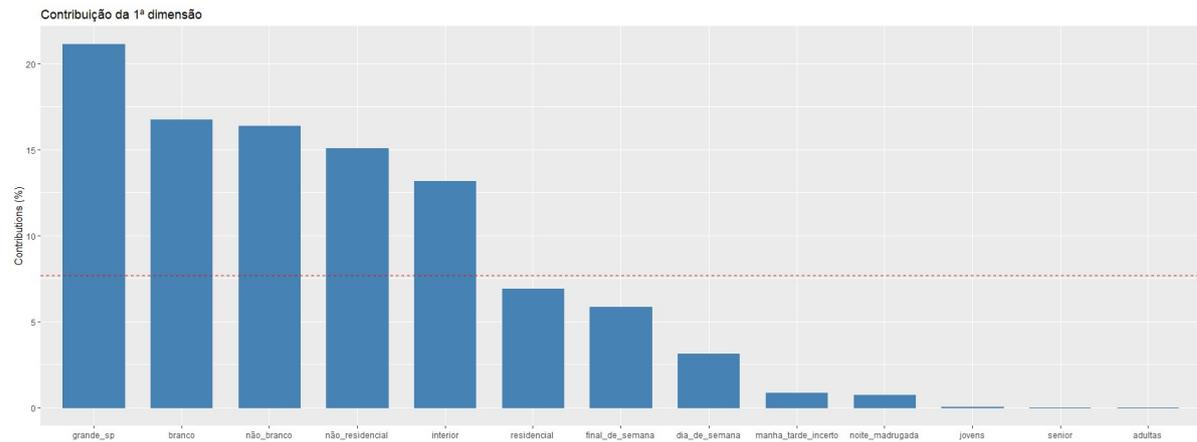


Figura 4.7: Contribuições dos níveis dos dados para a primeira dimensão do estudo da pandemia.

tras categorias que apareciam antes da pandemia, não aparecem mais e a categoria “não_residencial” passa a contribuir acima da média para a primeira dimensão.

Já para a segunda dimensão, as três categorias que mais contribuem para ela são iguais tanto para os dados pré pandemia (Figura 4.1) quanto para os dados da pandemia (Figura 4.8), já a quarta categoria que mais contribui para essa dimensão passa a ser “não_branco”.

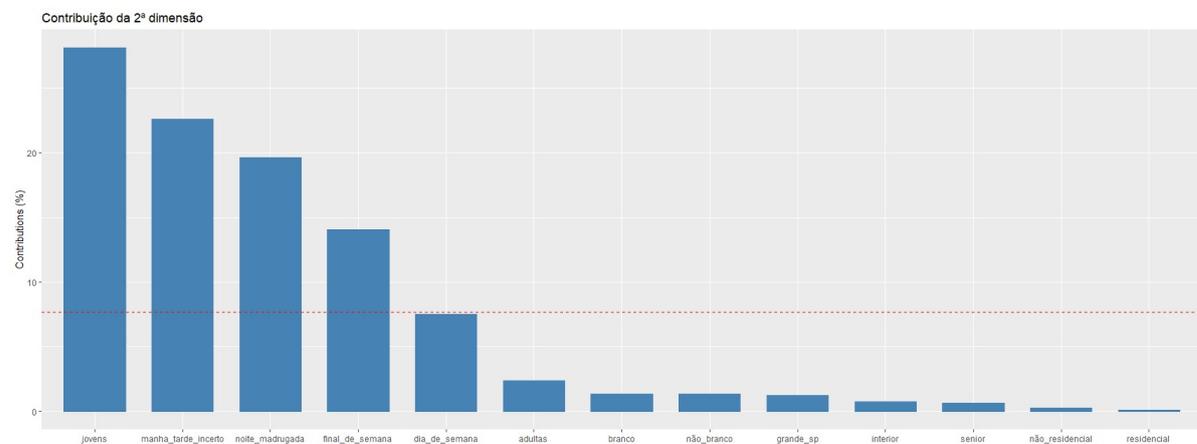


Figura 4.8: Contribuições dos níveis dos dados para a segunda dimensão do estudo da pandemia.

A Figura 4.9 mostra que somente duas categorias possui uma contribuição acima da média: “senior” e “não_residencial”, enquanto para os dados pré pandemia havia cinco categorias (Figura 4.3).

Segundo a Figura 4.10, o centro “branco” e “interior” do quadrilátero de canto reto, está associada a categoria “residencial” e antes da pandemia estava associada a categoria “não_residencial” (Figura 4.4). E essa não foi a única diferença, se estender o

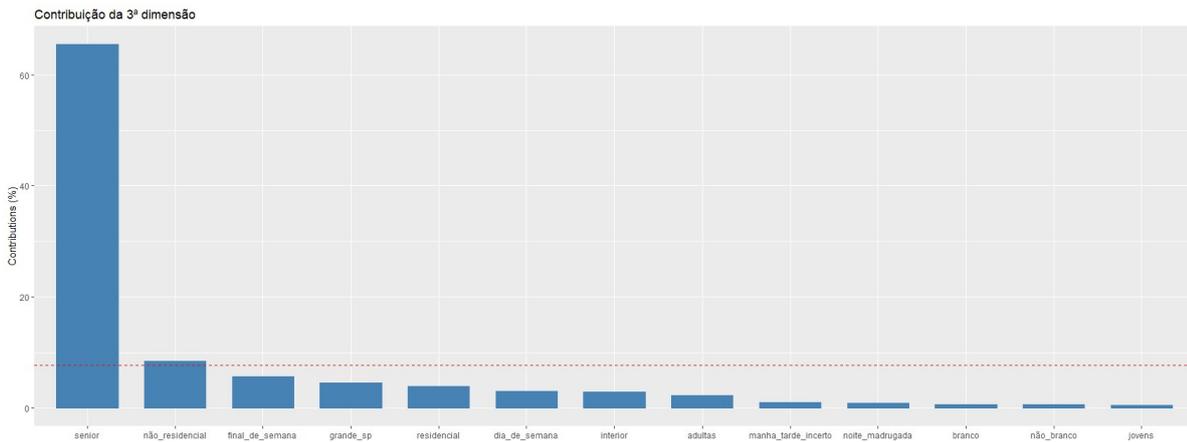


Figura 4.9: Contribuições dos níveis dos dados para a terceira dimensão do estudo da pandemia.

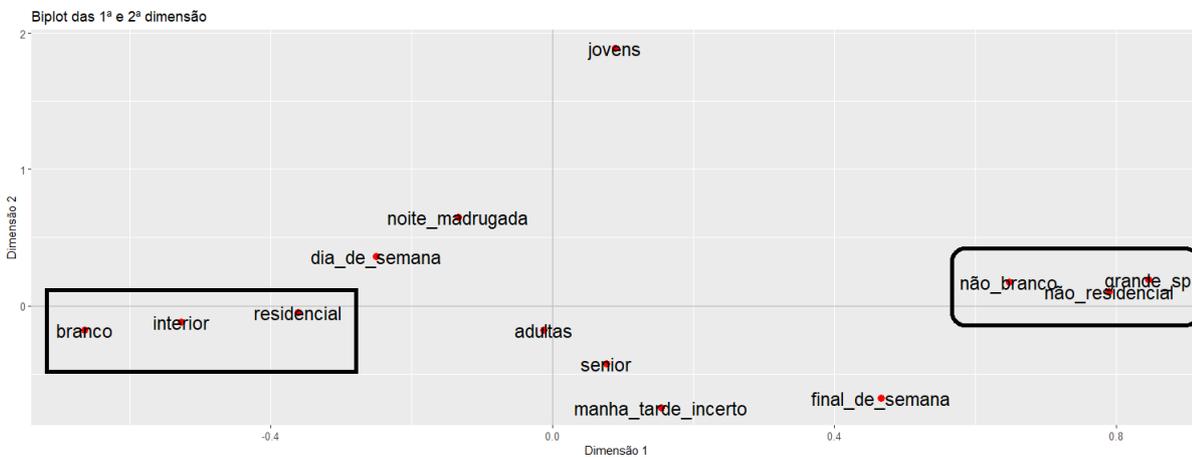


Figura 4.10: Plano fatorial das primeira e segunda dimensões.

quadrilátero ele pode englobar a categoria “noite_madrugada” que antes estava associada a “manha_tarde_incerto”, porém a categoria “dia_de_semana” continua sendo possível ser associada a esse centro. Logo, nesse plano fatorial mostra que os feminicídios mudaram de características. Antes da pandemia as vítimas brancas do interior eram mortas fora de suas residências e durante o dia, mas durante a pandemia essas vítimas foram mortas em suas residências de noite e madrugada, dessa forma elas possuem parte das características comuns aos estudos de feminicídios.

Por consequência, o outro centro “não_branco” e “grande_sp”, quadrilátero com cantos arredondados, se associa a categoria “não_residencial”. Se estender o quadrilátero, é possível continuar associando “final_de_semana” a esse centro. Portanto as vítimas não brancas continuam sendo assassinadas na grande São Paulo em finais de semana, mas agora fora de suas residências.

Assim como antes da pandemia, a categoria “adultas” continua no meio, mas há uma

diferença: as categorias “senior” e “manha_tarde_incerto” também está entre os grupos. Isto é, os feminicídios estão distribuídos quase que igualmente em mulheres adultas e mais velhas durante o dia para os dois centros.

Quando analisado os dados nas segunda e terceira dimensões, [Figura 4.11](#), é observado um comportamento similar das primeira e segunda dimensões, com a diferença que agora a categoria “jovens” está entre os dois centros, ou seja, a distribuição de vítimas jovens são similares para os dois centros.

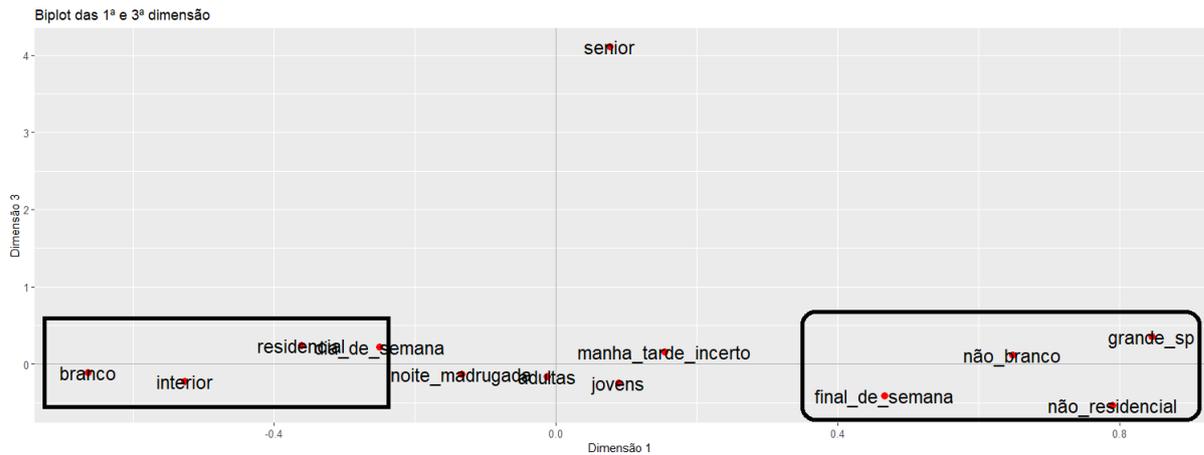


Figura 4.11: Plano fatorial das primeira e terceira dimensões.

A [Figura 4.12](#) apresenta o plano fatorial da segunda e terceira dimensão e nela é possível observar que as categorias “manha_tarde_incerto” e “final_de_semana” estão muito próximas, ou seja, durante a pandemia a característica que associa feminicídio aos finais de semana e no período da noite e madrugada em outras pesquisas, foi invertida. Ainda na [Figura 4.12](#), também é possível notar que para essas dimensões, não é possível separar os segmentos.

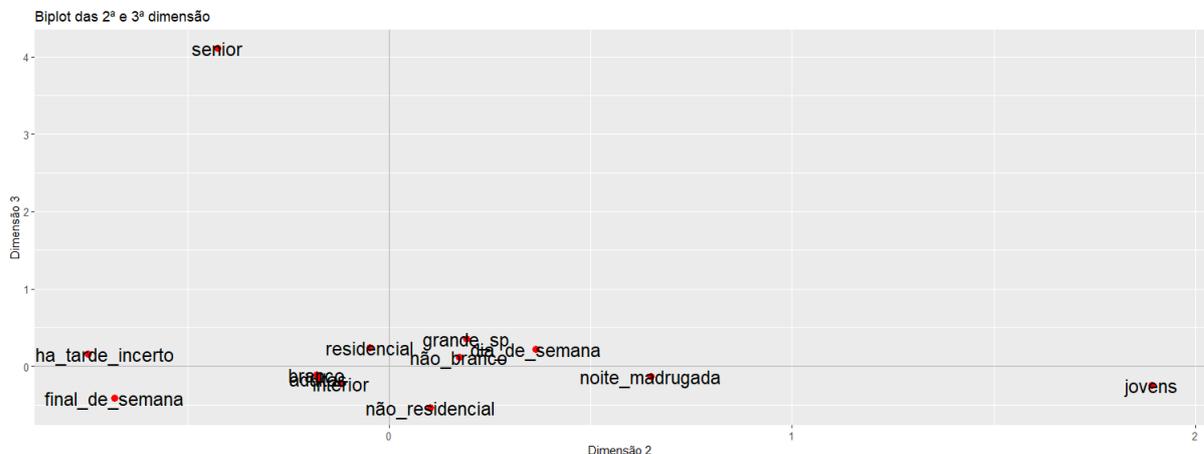


Figura 4.12: Plano fatorial das segunda e terceira dimensões.

Capítulo 5

Discussão

Como mencionado na [Seção 2.1](#), a qualidade dos dados é uma grande problemática nesse estudo. Isso acontece, pois os dados não são coletados de forma padronizada, isto é, o preenchimento do boletim de ocorrência é feita de forma subjetiva dado a interpretação do oficial que respondeu ao chamado. Também deve-se levar em consideração o armazenamento destes dados, que não estão padronizados. Portanto, além dos dados possuírem um viés da pessoa que está preenchendo o boletim de ocorrência, não seguem uma governança de dados que pode ser visto como uma metodologia sobre como armazenar os mesmos. Ela garante, principalmente, que os dados sejam confiáveis, documentados, gerenciados e auditados corretamente ([Azure, 2023](#)). Isso é, ela implementa políticas e procedimentos para que os dados sejam “[...] precisos e adequadamente processados ao serem inseridos, armazenados, manipulados, acessados e excluídos” ([Governance, 2023](#)). Um outro ponto de extrema importância é, pela lei, o assassinato das mulheres transsexuais não são enquadradas na lei de feminicídio, a considerar que o Brasil é o país que mais mata transsexuais pelo 14^o ano consecutivo segundo o Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) ([Cristaldo, 26 jan. 2023](#)), seria um dado muito importante a ser considerado.

Por outro lado, mesmo que os dados fossem perfeitos, só a análise deles não é o suficiente para se entender a violência de gênero que acarreta no feminicídio, pois deve-se levar em consideração o contexto social. Em uma conversa com a Dra. Teresa Cristina Cabral Santana, juíza no município de Santo André, o motivo das mulheres serem agredidas são o que as teorias feministas dizem: ciúmes, controle, objetificação do corpo feminino pelos homens. A medida que a mulher se rebela contra a dominação do masculino como questionar, sair de casa para estudar, romper o relacionamento em busca da sua inde-

pendência, maior é a violência dentro de casa. Ela também contou que a maioria dos casos de violência de gênero com que ela trabalha, são de mulheres negras e pardas de baixa renda, mas isso não significa que as mulheres de alta renda não sejam vítimas, mas sim que elas possuem outros recursos para poder sair da situação em que se encontra sem precisar da ajuda do estado. Um outro ponto discutido é que nem sempre a vítima é financeiramente dependente do seu agressor, muitas mulheres trabalham e até sustentam suas casas, porém elas ficam financeiramente vinculadas a eles, pois eles fazem dívidas no nome delas, eles que controlam as contas bancárias, configurado como violência patrimonial, então é muito importante entender também o contexto de como a família organiza as finanças. Em geral, os agressores são homens mais velhos, mas também acontecem casos em que o filho agride a mãe, só que nesses casos, a violência decorre de outros tipos de problemas como psicológicos e abuso de drogas.

Além do contexto social, é importante também o histórico de violência que aquela mulher sofreu, os registros de boletins de ocorrência estudados nessa análise não vieram acompanhados desses dados. Esse insumo extra para as análises, poderia mostrar um padrão de violência que as vítimas sofrem antes de serem assassinadas e assim ajudar na criação de novas políticas públicas para evitar essas mortes.

Muito se fala sobre a violência contra a mulher, porém é pouco divulgado o que elas podem fazer para sair dessa situação, além do registro da ocorrência em uma delegacia. A vítima pode pedir por uma medida protetiva de urgência (MPU) que impede que o agressor se aproxime dela, isso inclui espaços públicos também, por exemplo, se a vítima entra em uma loja em que o agressor está, ele é obrigado a sair do espaço caso não queira violar a MPU. Quando uma MPU é emitida, o agressor é procurado pelo estado e é explicado para ele todas as condições e punições no caso de descumprimento da MPU e ele é obrigado a assinar um documento registrando que ele foi devidamente notificado. Porém, em uma visita ao Palácio da Polícia Civil de São Paulo que atende as ocorrências *online* desse tipo de violência, ficou claro que é muito comum os agressores violarem as MPU e voltarem a ameaçar e agredir as vítimas. Nesse caso, a vítima tem acesso a um aplicativo da Guarda Municipal que permite chamar uma viatura para fazer o flagrante do agressor e levá-lo preso. Essa é uma das ferramentas que as vítimas podem usar e é governamental, mas há diversas outras tanto governamentais quanto não governamentais que não são divulgadas.

Mesmo sendo sub-notificado, a violência de gênero só tem aumentado nos últimos

anos, porém a Dra. Teresa possui uma perspectiva positiva sobre o futuro, uma vez que a discussão sobre igualdade vem sendo cada vez mais elaborada e com ela a violência de gênero diminui, como por exemplo o sistema de cotas, uma política pública que visa a igualdade de oportunidade a todos. Além disso, ela entende que políticas públicas podem ajudar a diminuição dos casos, como: a fiscalização de MPU qualificação dos profissionais que lidam com as vítimas (devido acolhimento) e para as vítimas (uma possível recolocação no mercado de trabalho); creche para os filhos das vítimas para que elas possam trabalhar; a criação de um espaço para que a vítima saia da situação de violência.

A Dra. Teresa também comentou que é importante frisar que a responsabilização criminal, isto é, o agressor ser condenado na esfera judicial não é o suficiente para que ele entenda que é errado agredir uma mulher, pois na criação desse homem foi naturalizado esse tipo de comportamento, então é necessário outras ações em conjunto com a prisão. Em Santo André, município da grande São Paulo, há um grupo de psicólogos que criaram um projeto para trabalhar com os agressores para ajudar na reflexão sobre seus atos e quando não há essa reflexão, estes agressores são reincidentes no crime de violência de gênero. Como uma solução a médio/longo prazo, ensinar direitos humanos em todos os momentos de formação de uma pessoa é essencial.

Capítulo 6

Conclusão

A pandemia causou muitas consequências em todos os países e em diversos aspectos diferentes e uma delas foi o aumento da violência doméstica. Como, por definição, o feminicídio acontece quando uma mulher do sexo feminino é morta em um contexto de violência doméstica e familiar, é razoável questionar se a pandemia tenha mudado o comportamento desse crime.

Para responder esse questionamento foram coletados dados de boletins de ocorrência registrados como feminicídio no Estado de São Paulo entre abril de 2015 a abril de 2022 no *site* da Segurança Pública do Estado de São Paulo. É importante lembrar que estes registros não são precisos em sua tipificação e depois de todo trâmite legal ter acontecido, alguns registros podem não ser feminicídios, assim como outros registros tenham sido tipificados diferentemente sejam feminicídios. Há também o ponto de atenção dos dados possuírem diversos problemas que necessitaram de uma manipulação de dados extensa e mesmo assim muitas das informações que poderiam agregar nas análises não puderam ser usadas por má coleta e administração, como as profissões das vítimas.

Analisando os dados como um todo, é possível afirmar que a região do município de Bauru é a que possui a maior incidência de feminicídio proporcional à sua população e a que possui a menor incidência é a região do município de Santos. O local que a mulher é mais vitimizada é em sua residência com 67,93% dos casos. Há também uma concentração de feminicídios aos domingos, aproximadamente 20% e o final de semana soma 37%. Os dois últimos apontamentos coincidem com a pesquisa bibliográfica para este estudo, porém, metade dos registros aconteceram na noite e madrugada, quando era esperado uma maior concentração para estes períodos do dia. Considerando as características das vítimas, as mulheres pardas são proporcionalmente maiores vítimas do que a sua

população no estado. O mesmo fenômeno pode ser visto para as mulheres entre 20 a 44 anos.

As características mais comuns ao feminicídio é ocorrerem às noites e madrugada, de finais de semana e em suas residências. Analisando os dados pré-pandemia, essas características estavam associadas as vítimas não brancas e da grande São Paulo. Por outro lado, as vítimas do interior e brancas eram mortas durante o dia, em dia de semana e fora de suas casas.

Já para os feminicídios durante a pandemia esse comportamento muda um pouco. Agora as mulheres não brancas e da grande São Paulo morrem mais fora de suas casas, mas ainda em final de semana. As mulheres brancas do interior começaram a morrer mais em suas casas e de noite e madrugada, ou seja, agora estas mulheres possuem as características mais comuns ao feminicídio.

Porém, há muitas ressalvas nesse estudo por falta de mais dados de qualidade. Seria muito importante possuir o histórico de violência que vítima sofreu antes de seu assassinato. Das informações que estão presente no banco de dados, há muitos dados faltantes ou com o preenchimento incorreto.

Além da falta de dados, uma série de assassinatos de mulheres não são enquadradas por feminicídio pela definição da lei, que são das mulheres transsexuais. A morte delas poderia ser facilmente um feminicídio se a lei tivesse definido a causa como “razões de gênero” e não “razões de sexo”.

Ao se estudar o feminicídio é preciso levar em consideração os inúmeros aspectos que o envolvem. Analisar somente os dados sem um contexto social, da dinâmica da família, é uma análise pobre. Também é falho quem tenta analisar esse crime somente por um aspecto sociológico. Para se ter um trabalho completo é necessário uma equipe multidisciplinar, mas principalmente, dados de qualidade que sigam uma governança.

Por fim, é importante destacar que o feminicídio é somente uma parte do assunto que envolve violência de gênero que ainda precisa ser muito discutida para que com o tempo, a igualdade aumente e que cada vez mais diminua essa violência sem sentido e que casos extremos como o feminicídio sejam raros.

Referências Bibliográficas

- (2021). Plataformas SOS Mulher e DDM Online apoiam mulheres vítimas de violência.
- (2022). SP inaugura Delegacia da Defesa da Mulher online e Delegacia Eletrônica. *Governo do Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/plataformas-sos-mulher-e-ddm-online-apoiam-mulheres-vitimas-de-violencia/>.
- Azure (2023). O que é governança de dados? *Microsoft*. Disponível em: <https://azure.microsoft.com/pt-br/resources/cloud-computing-dictionary/what-is-a-data-governance/>.
- Bittar, P. (2020). A lei do feminicídio faz cinco anos. *Câmara dos Deputados*. Disponível em: <https://encurtador.com.br/afHOX>.
- Caetano, F. M., Ribeiro, F. G., Yeung, L. e Ghiggi, M. P. (2020). Determinantes da cifra oculta do crime no Brasil: uma análise utilizando os dados da pnad 2009 determinants of the dark figure of crime in Brazil: an analysis using PNAD data 2009.
- Cristaldo, H. (26 jan. 2023). Brasil é o país com mais mortes de pessoas trans no mundo. *Agência Brasil*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-01/brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-pessoas-trans-no-mundo-diz-dossie>.
- Dávila, V. H. L. (2017). Teste de Hipóteses. *Instituto de Matemática, Estatística e Computação, UNICAMP*. Disponível em: https://www.ime.unicamp.br/hlachs/Inferencia_Hipo1.pdf, página 3.
- de Campos, C. H. (2015). Feminicídio no brasil: uma análise crítico-feminista. *Sistema Penal & Violência*, **7**(1), 103–115.

Escócia, Fernanda; Pilar, V. (21 jul. 2023). Domingo, o dia do feminicídio no . *Revista Piauí*. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/domingo-o-dia-do-feminicidio-no-brasil/:text=>

Francez, T. R. e Barbosa, T. C. B. (2021). *A aplicação da lei do feminicídio às vítimas transexuais*.

Governance, S. M. D. (2023). *O que é governança de dados?* SAP. Disponível em: <https://www.sap.com/brazil/products/technology-platform/master-data-governance/what-is-data-governance.html>.

Lorenzetti, C., Sá, J. e Silva, M. (2021). *Pandemia escancara o feminicídio e a subnotificação no Brasil e no mundo*. Universidade Federal de Santa Maria-UFSM.

Modelli, L. (19 abr. 2020). *Violência física e sexual contra mulheres aumenta durante isolamento social provocado pelo coronavírus*. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/19/violencia-fisica-e-sexual-contra-mulheres-aumenta-durante-isolamento-social-provocado-pelo-coronavirus.ghtml>.

Nestlehner, D. d. P., Torres, L. e Reis, M. N. (2023). *Ánalyse de perfil utilizando correspondências múltiplas*.

Oliveira, A. C. G. d. A., Sousa, C. M. J. e Soares, S. E. S. (2016). *Feminicídio e violência de gênero: aspectos sociojurídicos*. TEMA-Revista Eletrônica de Ciências (ISSN 2175-9553), **16**(24; 25).

Presse, F. (23 nov. 2020). *Com restrições da pandemia, aumento da violência contra a mulher é fenômeno mundial*. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/23/com-restricoes-da-pandemia-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-e-fenomeno-mundial.ghtml>.

R Core Team (2019). *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.

UNA-SUS (2020). *Organização mundial de saúde declara pandemia de coronavírus*. UNA-SUS.